

Sant
Pedrimbi

*Vais rir e se entristecer
com os contos sobre: experimento
de drogas, amor e paixão, estupro,
drogas, futuro destruído, aborto,
arrependimento, alegrias e tristezas,
mundo do crime, prostituição, etc.*

Nem Criança Nem Adulto

Adolescentes Em Conflitos


VIROLIDA
juvens futuro

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

NEM CRIANÇA NEM ADULTO

Adolescentes em conflitos

San Pedrimbi

É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra sem o consentimento escrito do autor.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA VIROLIDA digital.

Copyright © 2016 by San Pedrimbi

Autor

San Pedrimbi

Revisão
Editora VIROLIDA

Capa, diagramação e e-book
Editora VIROLIDA

EDITORIA VIROLIDA DIGITAL.
20160310—Angola, Luanda

Tel : (+244) 937 772 591
Exotikosonscontact@gmail.com

Todas edições pela editora VIROLIDA — só digital.
Edição digital: Janeiro, 2016

Dedicatória

Aos humanos, especialmente aos jovens, meus irmãos, que ainda se encontram nesta sofredora fase de solidão, questionamento, perturbação, revolta, etc. Aos adolescentes.

Sinopse

Histórias inspiradas em factos reais, transformadas em contos. San Pedrimbi com uma linguagem simples desenvolve os mais problemáticos conflitos na qual os adolescentes passam, infelizmente alguns por não aguentarem optam pelo suicídio, outros acabam em hospícios...

Nos mais variados temas conflituosos, na adolescência, que existem em nossa sociedade, San Pedrimbi faz-nos viajar nos temas como: Experimentação de drogas, amor e paixão, estupro, drogas, futuro destruído, aborto, arrependimento, alegrias e tristezas, mundo do crime, e prostituição.

Índice

- 09. Olhar ao pai
- 14. Nada melhor do que continuar a ter confiança de sua família
- 21. Paixão de adolescentes
- 29. Da escola para prisão perpétua
- 34. O amor de uma mãe
- 39. Um futuro amoroso destruído por estupro
- 47. Tratar sem consideração o seu corpo, pode trazer graves consequências
- 61. Estupradores incitados
- 65. Mandeí um homem pro inferno

Olhar ao Pai

Na infância é onde se obtém o calor significativo de amor, vindo dos pais. Aliás, a partir mesmo do ventre sentimos o calor, as musiquinhas que a querida mamãe e o papai (se for bom de voz) cantam para nós. Sentimos tudo isso, a presença, o carinho, o amor do pai quando acaricia o nosso mundo, aquele planeta isolado que, quando os sentimos nos acariciando, cumprimentando com todo aquele carinho não mais nos sentimos isolados por saber que ambos estão do outro lado nos prestando atenção.

Era uma vez, quando saía do colégio com o motorista lá de casa, pela via estar congestionada, o trânsito estava completamente parado. Era apenas eu e o motorista. Ele bem sentadinho no volante e todo equipado, eu no banco de trás porque mesmo sendo adolescente com 18 anos, a minha mãe não permitia que eu me sentasse na frente. Talvez por ser o seu filho único, ela me protegia a todo tempo, por isso é que me dizia que não podia sentar na frente pelo perigo.

O motorista era pouco de palavra. Enquanto jogava no meu caro telemóvel Iphone, já estava aborrecido pela lentidão do trânsito.

— Drogas! Isso não anda?! — Disse soltando o telemóvel no banco. O motorista apenas olhou para mim e não disse nada.

— O senhor, não diz nada? Não fala, não canta nem dá um sorrisozinho... — Calado, novamente olhou para mim. Mas prossegui dizendo: — Diz alguma coisa para quebrar o silêncio...

— Como o quê? — Felizmente disse algo.

— Tu falas afinal? Achei que fosses surdo.

— Surdo?! E como achas que eu obedeco a sua mãe quando peça que eu faça alguma coisa?

— Aliás, achei que fosses mudo.

— E como achas que eu me conecto com os seguranças do teu colégio para ir a tua busca?

— Sei lá! Talvez eles também são mudos, e...

— E...!?

— Ok. É melhor a gente esquecer disso.

— Ok. — Respondeu o motorista.

— Não é para tu voltares a ficar mudo novamente. Porque não gostas de sorrir?

— Passo pouco tempo com os meus filhos. — Olhou para mim e prosseguiu. — Eles me encham de felicidade e não consigo ficar muito tempo distante deles.

— E não estás satisfeito com o salário que a minha mãe paga-te?

— Não é isso, garoto. E aliás, eu ganho muito bem. Com o que ganho consigo manter a minha família estável. Mas, meu filho, aprenda que dinheiro não paga a saudade, ou o amor que a gente tem aos outros. Nunca! Não deixes que um dia alguém venha incutir-te na mente que o dinheiro paga tudo isso. — Falava olhando para frente, pois, embora estávamos com congestionamento na via, ele teve que falar concentrando o volante porque os carros circulavam paulatinamente. Quando voltou olhando para mim, eu, já estava lacrimejando.

— Por quê chorando?

— O meu amor é pago com telemóveis caros, roupas e muitos outros bens materiais...

— Como assim se a tua mãe presta toda atenção possível para ti, faz de tudo para cuidar de ti!?

— Os teus filhos, será que eles não sentem a tua falta?

— Claro que sim!

— Então, por que sentem a tua falta se eles estão sempre com a mãe deles? Eu também sinto falta do meu pai. Eu nunca vi ele até a esta idade.

— Sinto muito, menino. E a tua mãe, o que ela diz sobre o teu pai?

— Sempre que eu tento falar sobre isso.— Limpei o rosto molhado de lágrimas e continuei — Tento falar sobre o meu pai, ela vem sempre com uma conversa para desviar o assunto.

— Filho, eu... — Antes de terminar o raciocínio o telemóvel dele começou a chamar. Atendeu e foi dialogando por mais de três minutos, enquanto eu, triste, olhava casais felizes e com seus filhos passeando. Depois de alguns instantes soou um silêncio que durou apenas alguns segundos e subiu uma música, o motorista já havia terminado de telefonar, pôs a música e fiquei ainda mais cabisbaixo porque estava contando para ele as minhas tristezas e não havia ainda terminado. Mas depois dele deixar a música tocar um bocadinho ele pôs pausa e ficou me falando sobre a música.

— Ouviu a música? É muito boa. Este é um estilo de rap consciente. E aqui, esse tão grandioso e talentoso artista nos fala claramente como devemos olhar o nosso pai quando passam anos e anos mas nós não o conhecemos, nem nunca tínhamos visto ele. Contudo quando volta, embora estaremos revoltados por ele não estar nos momentos mais difíceis de nossas vidas, nos momentos em que pensamos em nos suicidar, devemos perdoá-lo e continuar a amá-lo como se ele esteve perto de nós desde o dia em que nascemos. É óbvio, se ele voltou é porque te ama. É porque, do mesmo jeito que sentiste a falta dele, é do mesmo jeito que sentiu a sua falta. — Disse. Repetiu novamente a música, dessa vez por completo.

— Digo isso porque, essa mesma música me uniu com o meu pai. Eu estava na mesma situação que tu. Mas, se ele apareceria aqui neste momento, o que dirias para ele?

— Perguntaria para ele quais foram os motivos que o levaram a desvanecer por 18 anos. E tantas outras coisas mais. Mas independentemente do que ele dizer eu o perdoarei. Afinal é mesmo meu pai e o amo tanto quanto a minha mãe. Quero ele de volta.

— Boa atitude, rapaz! Foi a tua mãe quem ligou para mim, e espero que estejas bem preparado porque o teu pai está em casa.

— Sério?!

— Sério! — Respondeu. Voltei a lacrimejar e dessa vez não mais de tristeza, já de alegria.

Limpando as lágrimas, disse: — Eu, estou preparado.

— Ok. Vamos.

— Ok. E quando me levas para conhecer os teus filhos? — Perguntei já feliz. Ele concentrou-me, deu um sorriso e disse:

— É só tu pedires permissão aos teus pais e a gente vai.

— Fechado! — Dei-lhe um aperto de mão, ambos sorrimos e continuamos, já sem congestionamento na via.

Nada melhor do que continuar a ter confiança de sua família

Marcou uma diferença. Estava sempre mal-humorado por causa da minha complicada fase. Hoje me levantei da cama com uma enorme pedra de gelo. A cabeça doía tanto que até prometi para mim mesmo que nunca mais farei o uso de drogas, para não voltar a perder a confiança dos meus pais e das minhas irmãs.

Tudo começou quando saía da escola para a casa a pé. Antes mesmo de chegar em casa preferi ir à busca do meu caderno de matemática na casa do meu colega, Francisco. Pedi permissão para entrar, logo fui permitido pela sua mãe, e disse que podia ir no quarto dele, é lá onde estava o Francisco.

Chegando em seu quarto encontrei o Francisco atirado de qualquer maneira e ainda mais no chão. Se esqueceu de fechar a porta.

— Francisco! Francisco!

— Hã, hã!?! — Se espantou do sono, levantou-se e perguntou-me: — Como entrou aqui?

— Simplesmente empurrei a porta porque estava encostada.

— Encostada?! — Disse e começou a dar fortes gargalhadas. — Encostada?!

— Qual é a graça?

— Encostada! — Riu de novo. Foi andando e atirou-se na cama.

— Qual é o motivo de sua graça? Matemática?

— Matemática?! Deixa de ser parvo. Esses números não deixam ninguém feliz. E aliás, eu nem abri o caderno. — Levantou-se da cama e foi até a sua banca, inclinou-se por um instante, depois posicionou-se direito e disse: — Isso. Isso aqui, traz felicidade.

— Isso o quê? — Mostrou-me uma seringa, e fechou a porta.

— Não é o que estou a sonhar, pois não?

— Tu pensas muito pouco. Com certeza que não. Olha, tu tens que pensar grande, assim como eu.

— É óbvio que, quem com o químico já dentro de seu organismo, pensa grande porque ele pensa que é um químico e o seu quarto é um laboratório.

— Nem tanto! — Deu uma gargalhada. Isso faz a gente esquecer as tristezas e muitas coisas más que passamos nas escolas e nas ruas, e em casa.

— Dá o meu caderno!

— O teu caderno?! Oh desculpe, é que ontem, cá, estiveram uns meus amigos, e enrolaram umas tantas com ele. — Vi o caderno onde ficava outros cadernos dele. Tirei e fui embora.

Ao chegar em casa encontrei os meus pais na sala de estar. Eles são gente boa. Dificilmente se encontra pais como eles, que controlam, embora ser comum, os filhos na adolescência. Mas o pouco comum que os faz marcar diferença doutros, é estar sempre ligado com os professores do colégio, perguntar como tem ido o meu comportamento, aparecer nas reuniões de encarregados, me perguntar sempre como foi a escola, se fiz novas amizades, enfim, eram meus grandes amigos. Só que ainda assim eu continuava solitário.

Saudei-os e sem que houvesse uma desconfiança no rosto que eu mostrara, fui muito cauteloso. Respondi todas questões deles acerca do meu dia. Depois disso fui para o meu quarto. Tive que estudar para a prova do dia seguinte, a de matemática.

Peguei no caderno para estudar mas não conseguia concentrar-me. Aquela história do Francisco de que a seringa traz felicidade não me saía da mente. Tentei ir falar com os meus pais que estava sendo atentado mas não tive coragem, ou talvez não quis mesmo.

No dia seguinte após a prova me encontrei com o Francisco.

— E aí, Tony?

— Tudo Ótimo! — Respondi.

— É, está ótimo mesmo. Sem sol para se stressar facilmente. Olha, comprei um filme daqueles que também gostas. Depois dessa prova de matemática que tal aliviar o cérebro que só está rolando números e fórmulas?

— Nada mal! — Fomos até a casa dele e naquele dia a sua mãe não estava. Decidimos assistir em seu quarto. Era um ótimo filme de terror. Após de um instante o Francisco foi em sua banca achando que eu estava distraído, tirou a seringa e se aplicou uma injeção. Senti um arrepio na pele.

Sentou-se e parece que ainda não havia surgido o efeito. Depois de algum momento o seu censo de humor começou a mudar. Ele estava mais à vontade e parecia mesmo muito feliz.

— Me dá também uma. — Disse eu.

— Sério!? — Perguntou levantando com aquelas gargalhadas pelo efeito da droga.

Pegou uma outra seringa, vi ele puxando líquido num pequeno frasco. Me aplicou e não foi preciso o tempo que ele esperou para surtir o efeito. Comecei a ver coisas que eu nunca tinha visto. Não estava a me sentir bem apenas sentado.

— Tem música aí? Bota uma.

— Pode deixar. — Soltou uma música e começamos o nosso pula-pula. Aquilo era uma festa, ou melhor, um festão só da gente.

Depois de uma hora eu tinha que ir em casa. Antes de eu ir, ele disse: — Oh Tony, isso é muito bom para manter a felicidade embora ser artificial. Temos que aplicar sempre. — Não respondi e fui.

Chegando em casa não tinha ninguém, nem os meus pais nem as minhas irmãs. Fui pro meu quarto. Não era mais o meu quarto, ou melhor eu não estava no meu quarto mas parecia que estava no planeta Marte, e bem próximo via outros planetas.

Estava com muita cede e me deu uma vontade de gritar.

— Em Marte não tem água! — Gritei.

— Tem, meu filho. A NASA descobriu que em Marte também tem água.

— Mãe!? Chegou agora?

— Sim. Como foi o seu dia?

— Foi ótimo e bem divertido depois de eu injectar uma com o Francisco. — Respondi e dei uma gargalhada.

— Injectar uma? O quê?

— A felicidade. — Continuei dando fortes gargalhadas.

— O que é!? — A minha mãe saiu da sala e entrou no meu quarto. Assustada me viu no chão e chorando perguntou: — O que você fez,

Tony?

— Só quero dormir. — Sentia tudo que estava a minha volta, a girar.

— Tony?! — Gritou, pasma e saiu correndo para sala. Tirou o seu telemóvel voltou para o meu quarto e ligou pro meu pai.

— Beto, Beto! Corre é o Tony, o Tony! — Começou chorando. Não demorou, o meu pai e as minhas irmãs entraram preocupados. O meu pai ligou pro nosso médico e veio de pressa. Fez o diagnóstico e notou que eu tinha aplicado uma substância que altera a nossa forma de agir, do consciente para inconsciente. Uma droga por meio de injeção e disse que não tinha nada de grave, era só deixar eu descansar e assim o efeito desvaneceria. Eu estava sem forças.

No dia seguinte me despertei, tentei levantar mas não deu jeito. Me sentia muito fraco e acima de tudo a cabeça estava muito pesada. Pesada demais. A minha mãe entrou no meu quarto com uma pedra de gelo. Me sentia envergonhado e triste. Ainda mais, só de saber que por isso mataria a confiança que os meus pais tinham em mim.

— Oi querido! Como está se sentindo?

— Muita dor de cabeça.

— É normal. Mas já vai passar. — Ajudou-me a sentar-se e pôs-me a pedra de gelo onde a dor centralizava-se.

— Pode deixar que eu pego, mãe.

— Ok. — Disse a minha mãe. Ela ao sair, o meu pai entrou.

— Não vá. — Disse ele à minha mãe. Sentou-se na minha cama enquanto a minha mãe estava de pé.

— Oi, filho!

— Oi, Pai!

— As dores estão acalmando?

— Sim! Olha pai, eu... — Interrompeu-me dizendo:

— Não acredito que fizeste isso com o seu pai, Tony. Não acredito que fizeste isso com a sua mãe. O que é que faltou de nós? O que foi que a gente não deu para ti? Quase matavas a sua mãe por susto — Olhei para ela e comecei vertendo lágrimas — Não foi isso que eu esperava de ti, filho. Achei que fôssemos melhores amigos, mas noto que não. Mataste a confiança que a gente tinha em ti. Traíste a nossa amizade. Já conversei com os pais e com o próprio Francisco. Não sabes como me sinto.

— Eu sei como é difícil, pai. Fui atentado mas não contei para vocês, traí a vossa confiança e, a única coisa que eu tenho a dizer é que me perdoem. Desculpe, mãe e desculpe pai. Eu prometo que nunca mais voltará a acontecer.

— Tu prometes? — Perguntou o meu pai.

— Sim, pai. Eu prometo. — Me deu um abraço e disse “te amo, filho”. A minha mãe piscou-me um olho sorrindo e devolvi também para ela.

Entraram as minhas irmãs.

— Oi maninhas, eu sei como estão desapontadas...

— Não te preocupes, está tudo bem. A única coisa que a gente quer é que nos prometa que nunca mais voltará a acontecer e se estiver para acontecer, contarás para a gente.

— Eu prometo. — Sentaram-se em minha e tivemos a conversar sobre outras coisas, e daí notei o quanto a minha família me ama, e jamais voltarei a desapontá-los.

Paixão de adolescentes

Apenas passo todo dia a chorar. É tanta decepção. O meu rosto encontra-se sempre molhado, embora por vezes chorando lágrimas secas. Mas fui condenado a viver assim. Só peço que eles me perdoem.

Tudo começou no ensino secundário do segundo ciclo, mas no ensino primário já observava os seus passos. Como ela era tão linda! Não tinha como chegar perto dela e dizer isso, a timidez tomara conta de mim. Os anos passaram mas os meus olhos não saíram dela. A bela Neuma, num dia normal de aula, ela passava com os seus cadernos e livros apoiados nos seus braços. Repentinamente tropeçou num passeio, como era o último ano do primeiro ciclo e nos últimos meses, por eu achar que nunca mais a veria ganhei uma forte coragem e fui ajudá-la.

Apanhei todos os seus cadernos e livros. Ao entregá-la, olhando para os seus olhos tão brilhante e atraente não resisti, deixei cair os livros e cadernos por descuido.

— Oh desculpe!

— Está tudo bem! — Disse ela sorrindo. O seu sorriso me contagiou de uma forma que, mesmo com o medo que tinha de dizer alguma palavra para ela, comecei a sorrir também. Levantei e dei-lhe os livros com cuidado para não voltar a cair.

— E os cadernos?!

— Oh, desculpe! — Ambos sorrimos.

Ajeitei muito bem por cima dos livros, agradeceu-me e foi. Quando desapareceu dos meus olhos me espantei:

— Ah! Como sou bobo. Me esqueci de me apresentar. — Fui procurá-la em sua turma e em toda escola, infelizmente já não estava.

— Que sorte minha! — Disse eu, ironicamente.

Os dias se foram mas nunca mais via ela na escola. Esperei ela no último dia, que era uma festa de despedida, mas infelizmente ela

tinha ido. Saí daí totalmente triste e cabisbaixo pois nunca mais veria a Neuma.

O ano terminou. Fui para uma escola do ensino secundário do segundo ciclo. Primeiro dia de aula, como de sempre, isolado. Após de três dias vejo a Neuma. Fui atrás dela e sem assustá-la, chamei-a pelo seu nome.

— Olá, Neuma! — Virou paulatinamente para mim. Nossa como ela havia crescido e mais bela ficou!

— Se lembra de mim?

— Claro. É óbvio que sim. Como eu ia esquecer-me de um jovem tão cavalheiro como você? Não me disseste como se chamavas. Mas também eu estava muito apressada. Desculpe!

— Está tudo bem. Sou o Moisés.

— Nem preciso me apresentar, acho eu! — Rimos e comentei:

— Não, não precisa. Posso fazer-te companhia?

— Podes. Também estou muito só. Talvez seja por ser os primeiros dias de aulas.

— Com certeza! — Fomos para a sua turma e lá ficamos. Nem me estava importando se tinha professor ou não, na minha turma.

Naquele mesmo dia nos conhecemos com mais calma. Já não via o medo, a timidez em mim. Parecia que estava conversando com alguém que eu já tivera conversado várias vezes. Os olhos dela no meu, ela já havia notado que o meu olhar era de alguém apaixonado. Enquanto ela falava eu concentrava e recebia de primeira as suas palavras olhando de uma forma louca nos seus lábios. Após de alguns instantes não sei o que me deu. Cheguei mais perto, enquanto eu falava coisas que nem sabia o que estava a falar, me inclinava paulatinamente, ela já sabia o que eu queria por isso só me obedecia. Inclinei-me, quando ela tentou desobedecer, eu já estava nos seus lábios. Ela não podia fazer nada porque também estava apaixonada. Depois daquele dia, a gente se encontrava

sempre, nos conhecendo assim melhor. Depois de alguns meses já sabíamos os defeitos de cada um. Começamos a namorar apaixonadamente, loucamente. Ninguém podia apagar a chama que existia entre nós. Um dia desses fui à casa dela por volta das 23 horas. Ela me achou um louco. Para além dela já ninguém estava mais em sua casa. Entrei normalmente pela porta. Ela levou-me em seu quarto e voltou para a sala. Enquanto eu estava sentado em sua cama lendo uma revista sobre moda, notei a presença da sombra de alguém. Era a Neuma. Toda excitada despida só para mim. Os meus olhos reviraram e se esqueceram da revista. Fizemos amor loucamente, saímos do quarto, fizemos na sala e algures de casa. Voltamos novamente em seu quarto. Depois da gente terminar ouvimos barulhos de pessoas entrando. Espantado perguntei-lhe:

— Não é aqui dentro pois não? — Ela levantou-se, pôs uma toalha e foi ver se era ou não. Enquanto ela ia ver, eu me vestia. Depois de alguns instantes ouvia vozes de pessoas se aproximando e gritando:

— Com que estás aí no quarto, hã!?

— Não, tio, não estou com ninguém.

— Como possível sua roupa estar aqui na sala?! — Era a Neuma e o seu tio. Cada vez que eles falavam, os sentia se aproximando. Vesti rapidamente a calça. Vi que já não havia tempo. Pus a camisola no ombro, o cinto e os calçados na mão esquerda, enquanto na outra mão segurava a calça para não cair. Senti que estavam empurrando a porta e me atirei pela janela. Saí correndo até um local de pouca gente para me vestir. Toda gente apenas me concentrava, mas não liguei. Terminei e fui como se nada estivesse acontecido.

Àquele dia foi a nossa maior loucura. Nunca nos esquecemos dele, embora havia acontecido mais vezes mas não se comparam com aquele.

Depois de anos de namoro, já estávamos no terceiro ano do segundo ciclo.

Na escola havia aparecido muito diferente, assim, mal-humorada. Fui a ela e me disse que precisaríamos de conversar após do último tempo. Foi isso que a gente fez. Fomos até o refeitório da escola para a tal conversa que talvez a deixava triste.

— Oi Neuma. Está tudo bem?

— Com quem tu costumava a me trair!? — Disse se esforçando e apertando os dentes.

— Hei, meu amor, o que é está se passar?

— Eu só quero saber!

— Não sei do que estás a falar.

— Ah, não mesmo?

— Não.

— De quem são essas fotos? — Não acreditei no que vi. Foram minhas fotos a ter relação sexual com outra mulher.

Dei um sorriso desagradável. — Estás a brincar comigo, não é?

— Eu, brincar contigo? Porque não mostra as fotos para as pessoas que estão cá no refeitório e eles falarão que não és tu quem está nesta foto?! — Disse em voz alta e irritada.

— É óbvio que esta face é minha. Mas não sou eu quem está nela.

— Reparei bem a foto e reconheci o rosto da garota. Era a minha prima Guida. Ela tivera feito uma montagem apenas com a minha face. O corpo não era o meu. Aquele era mais forte do que eu. Mostrei-a e fiz-lhe entender calmamente que não era eu, apenas foi feito uma montagem com o meu rosto. Ela reparou bem o corpo da pessoa que lhe foi feito a montagem e ficou convencida. O novo relacionamento já estava a deixar algumas pessoas com ciúmes. Saímos daí e levei-a para a casa.

Após de dois meses voltou novamente triste e mal-humorada na escola. Tivemos uma conversa e me revelou que estava vomitando muito e tendo enjoo e às vezes desmaio. Não duvidei de que a

Neuma estava grávida. Fomos fazer um teste de gravidez mas o resultado só saiu no dia seguinte. Ela foi, quando recebeu telefonou-me entusiasmada.

— Meu amor, adivinha só no que deu! — Levantei-me do sofá e disse:

— Oi, amor! Acho melhor me dizeres.

— Ok. Tudo bem. O teste deu positivo. Eu estou grávida, Moisés! Eu estou grávida, amor. — Pus a mão na cabeça e sentei-me. Perdi a fala durante alguns minutos.

— Amor, está tudo bem?! — Perguntou-me.

— O que pretendes fazer?

— Como assim? É óbvio que eu quero ter o meu filho.

— Ter? Neuma, você não pensou no nosso futuro? A gente ainda é jovem. Nós ainda somos adolescentes. O que precisamos fazer é curtir, se divertir...

— O que estás a pensar? — Disse lacrimejando.

— Não é por mal, meu amor. Eu acho que tu deves tirar...

— O quê!? Eu não acredito, Moisés. Não acredito que depois de muito tempo namorando, se amando, e agora que apareceu uma gravidez indesejada, tu queres que eu tire. — Sentia ela chorando forte. Desligou-me o telemóvel na cara. Mas também não a liguei. No dia seguinte não fui à escola. Não liguei para ela, também não ligou para mim.

Neste mesmo dia tive um sonho. Um sonho maravilhoso. Eu, ela e o nosso filho. Enquanto ela preparava o mata-bicho, eu brincava com o nosso filho. Após do mata-bicho leve-o à escola. Era tão lindo, a gente estava tão feliz em nossa casa. Quando me espantei do sono, peguei o meu telemóvel e liguei-a. Estava decidido a ter o meu filho nos braços. A ter a minha família, vem o que vier porque eu amava a Neuma. O telemóvel estava desligado. Eram seis horas da manhã. Me vesti e fui correndo em sua casa para dizê-la o quanto a amo e

que não precisava fazer aborto. Ao chegar lá, a rua estava cheia de pessoas na qual a maioria centralizava-se no portão da Neuma. Era muita enchente. Quando cheguei em seu portão vi pessoas chorando. Nada estava a entender. Ao entrar ouvia pessoas gritando, chorando pelo nome dela: — Neuma, por quê?! — O meu coração acelerou. Os batimentos estavam muito acelerados.

Vi um grupo de pessoas num canto a conversarem e fui para lá. Uma senhora contava naquelas pessoas que a Neuma estava no hospital quando um doutor ligou para a casa avisando que ela havia morrido ao fazer aborto. Não consegui concentrar-me e quando assustei já estava numa cama do hospital. Havia desmaiado. Sentia-me culpado. Foi por mim que ela tirou a vida, a vida dela e a do meu filho. Eu a matei. Eu os matei. Saí do hospital já com outro tipo de comportamento. Não reconheci a minha casa. Perdi a razão. Era só tristeza. Fui condenado a viver assim. Matei a mulher da minha vida e o meu filho por uma decisão sem pensar, uma decisão idiota. O mundo me condenou.

Da escola para prisão perpétua

Quando era mais pequeno as pessoas que me rodeavam diziam que o crime não compensa, a melhor maneira de viver na minha idade era simplesmente estudando. Era apenas um garoto mas pensava que o que estava a fazer era o certo. Ignorei as vozes que só queriam o meu bem e hoje estou trancado entre quatro paredes de cor cinzenta natural. Apenas passo o dia todo olhando nessas paredes. Condenado a morte.

Tudo começou quando tinha os meus catorze anos de idade. Era o mais rebelde da escola. Todo mundo lá já me conhecia. Não apertava nos estudos até que um dia fui expulso por lutar com um professor. Também não me preocupei porque nada estava a fazer na escola. Era apenas perda de tempo. Mas tinha que me preparar para enfrentar os meus pais, e não foi nada fácil. Levei algumas broncas que até a minha cabeça doía. Não ficava em casa porque sempre davam broncas para mim, criticavam demais o meu comportamento.

Andava pelas ruas todos os dias. Fugia de casa. Depois de um tempo notaram que eu já não era o mesmo. A cor dos lábios parecia mais escura.

— Meu filho, acredita, o crime não compensa. A única maneira de se viver neste mundo é estudar e fazer as coisas honestamente. — Disse um velho de muita barba. Era meu vizinho. Sentei para ouvir o que ele me dizia, mas quando levantei-me saiu do outro lado do ouvido.

Todos diziam isso e já estava cansado. Um dia, vagueando pela rua me deparei com um grupo de adolescentes da minha faixa etária. Todos eles num lugar muito bem escondido fumando ervas. Fui até lá.

— E aí companheiros!?

— Na boa, irmão! — Responderam.

— O que acham da gente compartilhar o mesmo fumo? Tenho mais ervas comigo.

— És um dos nossos? — Um deles perguntou.

— Com certeza! — Respondi.

— Então partilha com a gente. — Fumamos aí até todos estarem fora de si. Eles eram três, comigo fez quatro. Saímos daí. Afinal eles já haviam programado um assalto. Fomos todos e também participei, pois já era da família. O assalto foi muito ligeiro. A gente roubou uma pasta de dinheiro de um senhor que saía do banco. Eles controlaram bem todos os movimentos e parecia tudo ótimo. O banco económico era muito distante do bairro. Mas eles haviam programado aonde o velho poderia passar. Quando notamos que ele estava vindo, todos nós nos escondemos. Envolvemos uma criancinha que apenas gatinhava. O garoto ficou na estrada enquanto ele vinha. Quando viu o garoto travou de repente, preocupado desceu do carro e foi ver a criança. Logo que ele ficou enfrente do carro, a estrada estava livre, estava solitária, o que nos deu vantagem de entramos em acção. Anunciamos o assalto apontando uma arma para ele.

— Diz onde é que está o dinheiro, anda! Onde está?! — O mais velho com as mãos no ar, vendo cambada de adolescentes a lhe assaltarem, e talvez por medo, antes de mostrar a pasta olhou para os nossos olhos, quando o jovem que estava com a arma manipulou, ele disse logo aonde estava a pasta. Tiramos e saímos daí deixando a criança. Estava tudo à luz do dia e fizemos a acção sem máscara nenhuma.

Fomos até a um lugar escondido, não mais onde estávamos. Dividimo-nos o dinheiro e era um bom capital sem muito esforço. Foi muito fácil do que está aí sentado na carteira estudando sei lá quantos anos para depois receber dinheiro no fim do mês, enquanto nós fizemos em um dia e apenas em minutos. Nos combinamos que só nos encontraríamos após de uma semana. Foi isso que a gente fez.

Depois de uma semana nos encontramos novamente e partimos para uma outra acção. A ideia deles era de assaltarmos uma cantina. Concordamos e partimos. Eram por volta das 19 horas. Chegando lá não acreditei que eles tiveram essa ideia, pois àquela cantina tinha três seguranças, estavam armados e a gente apenas tinha uma arma que nem sabia se era mesmo de verdade ou não. Nos dirigimos a um local isolado onde passava muitos motoqueiros. Assaltamos duas motas e voltamos à cantina. Paramos em frente da cantina. Dois desceram, eu e mais um outro ficamos preparados com as motas ligadas. Os seguranças já haviam notado algo estranho em nós. O "Da beleza" que era a pessoa mais inspirada no grupo, por isso mesmo ficava sempre sobre o controlo da arma, entrou na cantina enquanto os seguranças não tiravam os olhos de nós. Não demorou, trouxe quatro bebidas energéticas. Tivemos que desligar as motas, bebíamos calmamente os energéticos, aí os seguranças tiraram os olhos de nós. O Da beleza puxou a arma na cintura alinhou nos seguranças e fez logo três tiros. Rapidamente, ligamos as motas, eles os dois entraram e houve mais disparos ainda, havia muita gente naquela cantina. Pois era uma cantina muito bem conhecida por isso tinha esses três reforços. Saíram com um saco preto de dinheiro. O saco estava cheio demais. Foi tudo rápido. Subiram e fomos. Fiquei admirado conforme o Da beleza agiu. Só depois de estarmos em uma boa distância consegui perceber que aquela estratégia que ele usou foi para distrair os seguranças, e conseguiu. Deixamos três corpos no chão. Depois de chegarmos, para não nos descobrirem vendemos as motas.

No dia seguinte foi apresentado no telejornal, a cantina onde a gente havia assaltado e os seguranças mortos. Também apresentaram os motoqueiros a darem os seus testemunhos. Nos combinamos que apenas podíamos nos encontrar após de um mês num outro local.

Depois de um mês fui para lá, mas não havia encontrado nenhum deles. Atrás de mim estava um poste. Algo chamou-me atenção. Virei e levantei a cabeça, olhei para o poste e fiquei assustado. Lá estava estampado a cara deles com uma escrita que dizia "A DEUS".

Não acreditei no que vi. Assustado, olhei para todos os lados e me pus a andar. Depois de sair daí, apenas alguns metros de distância, senti algo estranho. Estava a ser perseguido. Aumentei mais velocidade nos meus passos. Os homens estavam civis. Quando notei que eles também aumentaram a velocidade nos seus passos, comecei a correr. Eles tiraram suas armas, vinham em corrida a minha atrás e começaram a disparar em plena rua. Todo mundo corria disperso. Eles, não poupavam. Fui atingido no braço direito. Mesmo assim não parei. Eles diziam para eu parar se não me matariam. Enquanto eu corria sem olhar atrás, de um momento pro outro olhei, faltava um homem. — Será que está cansado?! — Pensei. Quando voltei a olhar em frente, estava um carro da polícia em minha frente apenas em um metro de distância. Já não havia tempo para nada. Fui arrastado pelo carro e logo ficou tudo escuro. Quando abri os olhos estava cercado de policiais num hospital dentro de uma prisão. Tive graves ferimentos, mas quando tudo curou, fui condenado a prisão perpétua.

Quem me dera ter ouvido o conselho daquele velho. Os conselhos dos meus pais, das pessoas que me rodeavam. Se não desistisse da escola. Mas agora, condenado a morte por participar no assassinato de três seres humanos.

O amor de uma mãe

Sempre me senti limitada em casa. E isso nunca foi para mim. Eu gostava de me divertir, assim como todas as minhas amigas adoravam curtir. Várias vezes discutia com a minha mãe porque me contrariava sempre que eu quisesse sair. Não achava os seus conselhos úteis para mim.

Certo dia, em quanto eu me preparava, ela estava sentada na sala de estar por qual, obrigatoriamente, tenho que lá passar para ir ao meu quarto. Ela só olhava eu passando e repassando. Tudo azafama. Depois de bem preparada saí do meu quarto pronta para partir. As minhas amigas estavam na casa de uma outra amiga porque ela não queria vê-las em sua casa. Sem despedi-la, passei-a, e pronto saindo pela porta da sala de estar, ela chamou-me calmamente.

— Filha! — Olhei para trás. — Por favor, um segundinho. — Disse. Fui até ela e sem hesitar me sentei naquele lindo sofá bem juntinho dela.

— Meu amor, eu... Eu sempre primei pela tua educação desde criança. Eu e o teu pai. Sempre aconselhei-te e aliás, é perfeitamente compreensível pelas tuas transformações, pois já deixaste de ser uma criancinha e passaste a ser adolescente. E por tudo que está acontecer entre a gente nesses últimos tempos, desde que entraste na adolescência, as tuas roupas curtas, as amizades, as festas e certos ambientes inapropriado, eu nunca me arrependo de ter nascido essa coisa linda — Lisonjeada, soltei um sorriso e também fez o mesmo, e prosseguiu. — Sei que ainda não entendes, mas os jovens da tua idade ainda são irresponsáveis, as tuas próprias amigas ainda são irresponsáveis. Eles somente vão cantar a música que queres ouvir, vão dizer que te amam, mas é mentira, nunca ninguém vai-te amar mais do que eu. Entre essas, se por ventura acontecer uma gravidez indesejada, elas, eles, irão fugir-te, mas eu, estarei sempre aqui — levou a sua mão até o meu rosto e acariciou-me de um jeito que eu senti o verdadeiro amor, me veio a vontade de voltar a ser novamente criança. Com a sua macia carícia quase perdi o jeito, cáí nessa com os olhos fechado acompanhado por onde a sua mão ia, por um pouco peguei o sono. Quando ela parou acordei logo.

— Por isso minha filha, as tuas amizades te levarão para lugar nenhum, aliás, te levarão apenas para o abismo, minha filha. Por

favor volte a ser como aquela criancinha que sempre estava neste sofá comigo, e depois de tanto assistir morre de sono no meu colo.

— Mãe — Levantei-me. — Tens que entender que o tempo não recua e que eu já sou uma adolescente. Eu preciso curtir, me divertir, p'ra mim não parecer como uma jovem já cansada sempre em casa. Olha para as minhas amigas, elas vão às festas, se divertem e tudo mais. Eu também quero ser como elas.

— Já és como elas, amor — levantou-se também. — E não é isso que uma pessoa deve ser. Nós devemos ser nós mesmos, cuidar da nossa e não da auto-estima dos outros.

— Tá! Mas agora tenho que ir.

— Boa caminhada meu anjo.

Saí daí e fui até às minhas amigas que estavam a minha espera. Juntas, fomos na casa de um amigo onde estavam reunidos outros amigos. Curtimos e curtimos. Já todos fora de si, estimulados, os homens deram o quarto para nós as meninas, pois éramos cinco garotas todas estávamos tontas de tanto bebermos.

Logo dormindo senti uma sombra por cima de mim. Estava dormindo de costa virada para atrás e a minha face de frente o teto, para cima. A gente estava dormindo de calcinha. Senti alguém tirando a minha calcinha, tentei abrir os olhos mais estava tudo fusco, não via em condições. Fiz um esforço para me virar e consegui. Mesmo assim não hesitou. Baixou devagarzinho a minha calcinha, afastou-me as pernas e fez uma penetração e senti-o... Mas pouco sentia por causa do alcoolismo. Minutos depois senti masturbando dentro de mim e tirou. Não consegui virar-me, estava sem força, a gente havia consumido um tipo de álcool muito forte.

No dia seguinte acordamos com cabeças doridas e fomos pro banho. Saímos daí juntas e depois cada uma foi para sua casa. Chegando em casa encontrei a porta aberta, entrei e fui pro meu quarto descansar porque estava ressecada e muito cansada. Após de algumas horas me levantei e fui novamente no banho. Depois de

tudo fiquei no meu quarto conversando por mensagens com as amigas sobre a noite de passada. A minha mãe entrou no meu quarto com uma voz autoritária questionando sobre a noite em que dormi fora. Não estava dando respostas para ela. Cansou-se e foi embora.

Não estava gostando dessa vida limitada. Aproveitei arrumar algumas roupas, quando ela saiu, fugi e fui para a casa de uma das amigas. Passaram-se já semanas vivendo livre com as amigas, curtindo noites e festas loucas.

Depois de mais alguns dias se passarem estava sempre com vômito e desmaio. As minhas amigas me aconselharam a fazer um teste de gravidez, e pela minha desgraça deu positivo. O doutor aconselhou-me a não fazer aborto e se fizesse estaria correndo o risco de morte ou de nunca mais engravidar. Aí estava eu com mais agitação das amigas para fazer aborto. A cabeça estava explodindo. Decidi não tirar. Aí comecei a ver as falsas pessoas que me rodeavam. Onde eu estava, a minha amiga disse que eu já não podia ficar porque os pais dela estavam ralhando-lhe sempre. Fui para as outras amigas e foi tudo a mesma coisa. Vi o meu mundo se afogando num buraco totalmente escuro. Único lugar que me restava era apenas a casa da minha mãe. Envergonhada, eu merecia muitas palavras, por não ter ouvido aquela que há anos já tinha experiência do que eu estava a passar e ainda mais era a mulher que tanto lutou por mim. Peguei na minha mala e voltei para a casa. Chegando lá. Toquei a campainha, logo que ela abriu vomitei pegando na barriga. Ela já havia notado tudo.

— Não se preocupe, vai estar tudo bem. — Pegou a minha mala e me ajudou a entrar. Sentados no mesmo sofá já chorando comecei a me desculpar. Ela pôs a mão em minha boca com um sinal de silêncio e disse: — Está tudo bem, meu amor. Não te preocupes, está tudo bem. — Na verdade só uma mãe amorosa para agir desse jeito. Nos abraçamos e chorei porque ninguém me ama como a minha mãe.

Um futuro amoroso destruído por estupro

Não era uma paixão qualquer de adolescentes. O nosso relacionamento era muito à vontade, sem pressas e com muitos planos para o futuro. A gente mostrava que não é pelo sexo que o verdadeiro amor nasce. Embora ele já não era virgem, muito compreensível, aceitou-me mesmo eu dizendo, sexo só quando a gente estiver casado. Pois a gente já tivera em mente, com quantos anos nos casaríamos. Não é qualquer um homem que aceita isso.

Mas tudo mudou. O nosso sonho, as nossas paixões, os nossos gostos, os nossos olhares, tudo morreu.

Num certo dia, em quanto eu estava com as minhas primas em casa, recebo uma mensagem do meu anjo Gabriel dizendo que estava a preparar uma surpresa para mim e que me queria ver às

dezanove horas. A partir daí, estava bastante entusiasmada. As minhas primas notaram algo diferente em mim.

— Teresa, qual é o motivo de tanto entusiasmo, prima?! — Questionou a Marisa com um sorriso contagiado pelo meu, sentando na minha cama, na qual eu me encontrava.

— Foi o Gabriel!

— Ah! Não! Só podia ser o príncipe para deixar essa princesinha com os dentes brilhantes sorridente. — Levantado da cama, soltei uma gargalhada e fui em frente do espelho.

— Priminha, o que achas que devo vestir nessa noite?

— Eu acho que debes pôr uma calça de rapaz, totalmente alargada do tipo que os “niggas” vestem, e uma camisola do mesmo. — Entrou Soraia com as brincadeiras dela. Rimos as três.

— Não tem graça! — Disse eu sorrindo.

— Não tem mesmo. — Concordou Marisa. Levantou-se da cama e foi até em mim.

— Onde está o seu guarda-fatos? Não vejo ele. — Mostrei-a. Pois tivera fazer algumas mudanças no quarto. Nós, adolescentes, gostamos sempre dessas arrumações. Pelo menos eu, em cada três meses não me sentia bem sem dar um outro aspecto no meu quarto.

Após de ela ver, abriu e indicou-me um vestido rosa que a minha tia, a mãe delas, havia comprado no dia do meu aniversário, mas infelizmente nunca tinha vestido.

Experimentei para ver como me podia ficar.

— Uau! Que lindo. Olha Marisa, se a Teresa mete-se aquela calça e a camisola de niggas, aposto que também ficaria assim, tão espectacular.

— Pára! — Disse eu sorrindo.

As horas passavam lentamente e eu ansiosa, queria que corresse.

A Marisa e a Soraia ficaram aí para me ajudarem a se arrumar.

Eram dezanove Horas. Eu toda cheirosinha e arrumadinha. As minhas primas diziam que eu estava uma princesa.

Eu morava sozinha. Os meus pais estavam separados porque já não eram mais felizes. Sou a filha única. No princípio fiquei triste. Mas é óbvio, qualquer uma outra ficaria, ainda mais ser filha única, não é fácil segurar essa. Mas, mais tarde entendi porque o que eu mais queria deles, era vê-los felizes. Portanto foi o que aconteceu. Separados e casados, cada um com o seu novo amor estavam felizes. Desde cedo aprendi a me dar com a realidade do mundo em que vivo. Pois tinha dezanove anos de idade e já trabalhava. Neguei ir com um deles, disse que não tinham que se preocupar porque estaria mim sentindo muito bem em casa, sozinha.

Alguém estava tocando a campainha. A Soraia brincalhona foi lá ver quem era. Quando voltou, disse com toda natureza:

— É um pastor passando em cada casa para falar sobre a palavra de Deus.

— Sério!? — Perguntei admirada porque nunca havia pastores passando em cada casa para evangelizar.

— Não sua boba! É o Gabriel!

— Não estás a brincar comigo, não é, Soraia?

— Não, princesa.

— Deixe que eu vou ver. — Disse a Teresa. Quando voltou disse entusiasmada: — É ele, é ele!

— E agora, o que faço?! — Perguntei.

— Fique calma, respire fundo e vamos. — Disse a Teresa.

Saímos do quarto e fomos juntas até o portão. Elas já estavam preparadas para irem embora.

Chegando no portão, elas se foram. O Gabriel desceu do carro, logo que me viu ficou pasmo e mudo, por alguns segundos.

— Uau, como você está linda!

— Obrigada! — Agradei sorrindo.

Tão cavalheiro, abriu a porta do carro e entrei. Saímos daí. Não sabia onde ele estava mim levando. Chegando. Abriu a porta para mim, desci. Não sabia em que lugar estava. Entramos. Na mente me vinha que era um restaurante. Mas depois neguei. Estava muito estranho para ser restaurante. Cheio de rosas no chão. Apenas tinha uma mesa onde tinha duas cadeiras. Estava impressionada. Pedi que eu me sentasse. Depois da gente se sentar, chegou um jovem perguntando o prato que eu queria. Pedi o prato desejado

Apenas tinha uma luz, e essa mesma é que iluminava onde a gente estava. O resto do lugar estava escuro. Comíamos, enquanto conversávamos, ele me parecia muito misterioso, sentia que estava escondendo algo. Terminamos de comer. Aquele jovem retirou os pratos da mesa.

— Sabe, Teresa, esta noite é para ti. — Disse ele, bem calmamente, sussurrando nos meus ouvidos. Levantou-se e foi para um lugar onde estava escuro. De um momento para outro, comecei a ouvir um som baixinho, depois uma luz onde saía o som. Lá estava uma banda e ele cantando para mim. Não consegui mim controlar. De tanta emoção comecei a lacrimejar. Naquele momento me senti totalmente amada e especial. Quando acabou de cantar levantei-me e fui até ele e o roubei um beijo. Enquanto nos beijávamos, notei que algo havia acendido. Quando paramos, era tanta gente no mesmo lugar, todos casais. Senti um calafrio que depois passou. Todo mundo aplaudia. Fomos para o nosso lugar enquanto a gente sorria de tanta alegria.

— Ai, meu amor, não sei o que dizer. Tudo isso para mim!?

— É, Meu bem! — Respondeu. Nos beijamos novamente. A noite foi maravilhosa e muito divertida. Depois de nos divertirmos, chegava a hora de voltar para a casa. Levou-me de volta. Ele queria que eu entrasse primeiro, só assim ia tranquilo. Ao tirar as chaves para abrir

o portão, notei que elas não estavam na minha bolsa. Tivemos que procurar no carro.

— Querida, tens a certeza que não deixaste a chave dentro de casa, ou as tuas primas se esqueceram e levaram?

— Absoluta, Gabriel. — Tivemos que voltar lá no restaurante. Perguntamos ao homem que participou daquela surpresa. Ele confirmou ter visto um molho de chave, mas depois já não estava mais onde ela tinha visto. Mas tinha uma outra chave de alternativa na bolsa. Regressamos, abri o portão e o Gabriel se foi.

Entrei feliz demais, era apenas eu naquela noite em meu quintal. Girei gritando de felicidades. Logo que abri a porta de casa alguém agarrou-me de trás com a mão tapando forçosamente a minha boca para eu não gritar. Me empurrou até a sala e lá estavam mais quatro jovens. Estava um com uma faquinha que substituiu o que tivera mim agarrado na porta. Logo que me largou para o outro lhe substituir, naquele pequeno período de tempo soltei a voz gritando “socorro”. O jovem que vinha para me pegar feriu-me no braço direito.

— Se voltares a gritar, eu te mato! — Disse.

Enquanto os outros se despiam, ele pediu que eu fizesse o mesmo, mas rejeitei. Me agarrou brutalmente pelo cabelo e rasgou a minha pele com a faca. Ele estava disposto a tirar a minha vida. Apenas chorava e não gritava mais porque tinha medo de morrer. Chorando, disse para ele que eu ia mim despir e por isso soltou-me. Tirei o vestido enquanto os quatro já estavam sem roupas.

— Anda, tira rápido essa cueca! — Tirei sem qualquer alternativa.

Ele deitou-me no chão, pegando-me pelos dois braços enquanto os outros estavam prontos para a festa e me fazer de churrasco. Veio o primeiro. Não estava aguentando as dores. Me sentia um arrepio, nojo. Eu guardava a minha virgindade para o homem que me ama e que me daria casamento, de um momento pro outro estava a ser estuprado por cinco jovens. Não demorou, o primeiro já estava a

ejacular dentro de mim. Enquanto eu sangrava chorando no silêncio pelas dores que sentia, eles não queriam saber. Veio o outro e também começou a fazer o que eles há muito tempo (com certeza) haviam planejado. As dores eram imensas. Não demorou e ejaculou também dentro de mim. O jovem que estava mim pegando foi substituído por um que já havia mim estuprado. Ele foi a seguir. Fazia com muita força que me magoava tanto. Fez o outro. E depois o quinto. Depois de este ter feito já estava a sentir-se arrependido.

— Já terminamos o que queríamos, acho que já podemos ir embora.
— Disse ele.

Eu, nem mais forças tinha. Para além de estar suja, borrada de sangue, estava mim sentindo suja dentro de mim mesma.

Se vestiram e foram. Chorando aí no chão. Fiz alguns minutos para puder ganhar força. Depois de ter ganhado forças, liguei pro meu namorado. Ele veio depressa, fomos dar queixa à polícia e depois nos dirigimos para um hospital.

Depois de algumas semanas passarem, não estava menstruando. Fiquei com muito medo. Fui para um hospital, e me foi diagnosticado que estava grávida. A partir daí o meu mundo desmoronou. O meu futuro, a minha virgindade, o meu amor, o meu casamento. Tudo isso desapareceu da minha mente. Conversei com o Gabriel. Não conseguiu acreditar, cuspiu na minha cara que fui eu quem convidei aqueles estupradores para fazerem uma festa em minha casa. Disse que eles eram meus amigos. Decepcionado, viajou para o exterior. Não dava mais vontade de viver. Não queria criar uma criança, vindo de uma relação sem amor, ainda mais de um estupro por cinco pessoas que nem sequer sabia quem era o pai. Só Deus sabia.

Fui para um hospital e fiz aborto. Mas com o tempo estava mim sentindo mal. Voltei para lá e me diagnosticaram que eu já não posso fazer mais filho porque o aborto foi mal feito. Só era depressão, angústia, solidão. Não queria mais viver.

Os meus familiares tiveram que me internar.

Me sinto totalmente estranha aqui onde estou. Não acredito que o mundo me trouxe cá. Eu só queria tirar a minha virgindade, ter filhos com o meu grande amor Gabriel. Mas infelizmente os nossos planos morreram, foram todos pro outro do mundo.

Agora sou uma princesa excêntrica dentro de uma psiquiatria. Totalmente esquisita.

Tratar sem consideração o seu corpo, pode trazer graves consequências

O meu mundo se encontra desmoronado. Sou uma jovem mas já me sinto uma velha caquética, apenas esperando a morte passar por aqui porque já me encontro em sua paragem.

Não é tão difícil acreditar no que está acontecer comigo, aliás, as pessoas já diziam que, do jeito que nos comportávamos, tinha as suas consequências. Mas mesmo assim, ainda pesa acreditar que foi logo com a gente. Quem me dera voltar no tempo e ser uma nova pessoa sem vícios de meretrizes.

Ainda me lembro de como tudo aconteceu.

Num dia de Março, eu, a Lorena, e a Dulce fomos convidadas pela prima da Dulce que já era muito conhecida no bairro pelos trabalhos

que ela fazia. A mãe da Dulce sempre conversava com a gente a respeito de sua sobrinha que era a prima da Dulce. Sempre que fôssemos na casa da Dulce, as vezes num encontro de amigas, ou na revisão de uma matéria escolar, ela nos aconselhava sempre que puder.

Mas num dia de Março não resistimos. Ela nos convenceu a ir numa noite especial de mulheres, por ser o nosso mês. Lá ia um dos nossos cantores favorito. Um príncipe do estilo musical romântica.

Aceitamos sem que ninguém percebesse. Combinamos aonde se encontrar. Ela nos pagaria os bilhetes para a noite. Pelos bilhetes estarem baratos para as meninas, ninguém desconfiava do por quê tanta solidariedade com a gente.

Nos encontramos no local em que havíamos marcado o encontro, nós as três.

— Acho que a tua prima está a demorar demais, Dulce. — Disse a Lorena.

— Olha, gente, eu não sei se estamos indo pro lado certo. A minha mãe nos deu tantos conselhos e nós, eu, principalmente estou a desrespeitá-la.

— Relaxa, Dú! É apenas uma noite e não voltaremos tarde. Achas que eu vou perder essa noite onde estará o meu cantor favorito? — Disse eu.

— Não é bem assim, Rosalina. — Disse a Dú.

Enquanto a gente conversava, parou um carro de marca Hummer na nossa frente. Ficamos um bocadinho constrangidas.

Alguém baixou o vidro escuro do Hummer. Era a prima da Dulce.

— Estão com medo? Podem subir pessoal! — Disse ela entusiasmada.

Aí senti um frio enorme na barriga, um calafrio. Achei logo que a gente estava a cometer um erro enorme naquela noite subindo naquele carro de ricos.

Enquanto a Dulce e a Lorena subiam, eu estava a pensar se queria ir ou não.

— O que é que estás a esperar, Rosa? — Perguntou a Lorena. Subi e fomos.

No caminho a prima começou a nos apresentar no seu amigo que estava a conduzir. Este com um charuto, cheio de fumo no carro já me deixava com medo.

— Essas são as minhas primas que sempre falei para ti. Só faltava apresentá-las.

— Já?! — Estranhou a Lorena num tom baixinho e pareceu que eles não tinham ouvido.

— Não tenha medo, Lorena. — Disse a Dú sorrindo.

Nos apresentamos. O nome dele era Big.

Chegamos no local do evento. Descendo do carro, a prima da Dulce pediu-nos que lhe chamássemos de Prima.

Entramos, eram por aí vinte horas. A noite estava marcada para as vinte e uma horas. Contudo já estava tudo organizado.

— Sentem-se por favor! — Disse o Big. — O que vão beber?

— Sumol. — Respondi.

— Também uma Sumol.

— Sumol. — Todas pedimos Sumol.

— E tu, gata? — Perguntou à Prima.

— Uma daquelas! — Disse a prima da Dú, que também se tornou nossa prima.

Nenhuma de nós, entendeu o que era "Uma daquelas".

— Nunca tinha visto bebida com este tipo de marca. — Disse a Dú, baixinho na minha orelha.

— Nem eu. — Disse eu.

Depois de alguns instantes, vinha o Big trazendo as bebidas.

Recebemos os nossos sumos com gás, enquanto a prima, uma taça de uísque.

— Não me cheira nada bem!

Com licença, Big. Pode mostrar-me o banheiro das meninas? — Perguntou a Dú.

Ela estava desconfiante e muito atenta em tudo que se passava lá.

Demorei por aí um minuto e depois fui atrás dela.

— Oi, o que foi!? — Perguntei-a.

— Eu não devia ter saído. Não devíamos vir neste lugar ainda mais com ela. Já comecei a notar que este é um lugar de meretrizes, Rosa. — Desabafa gritando para mim: — Eu quero voltar para casa!

— Calma! Fica fria.

A festa começa daqui a pouco e aí a gente se vai, Dú.

— Ok. — Concordou e voltamos para lá.

Depois de alguns minutos a festa estava a começar.

Boas músicas estavam a tocar. Subiu no palco vários artistas, mas só estávamos a espera do nosso príncipe.

Chegava o momento mais esperado da noite, quando haviam anunciado a subida do príncipe romântico no palco.

Todas nós gritávamos cheias de emoção de pé bem enfrente do palco a espera do príncipe. A casa estava na medida em que todas as pessoas podiam circular e sentirem-se à vontade. Nem cheia, nem vazia. Estava na medida.

— Vamos a aplaudir o nosso convidado especial. — Todo mundo gritava logo que ouviram a sua voz. Logo ele a pôr o primeiro pé no palco, a energia se foi.

Que momento constrangedor!

Foi tudo rápido. Em menos de quatro minutos já estava tudo ligado. Soltaram a música e aí a festa começou.

Que voz tão linda! Todas as raparigas gritavam, choravam e cantavam com ele.

Foi um Show. Depois de cinco músicas o Show havia terminado deixando um quero mais em todas as mulheres e alguns rapazes de muitos que lá se encontravam.

Mudaram o estilo de música e puseram uma mais solta. Com toda aquela adrenalina que ganhamos do Show, ninguém queria sentir-se sozinha num canto. Toda gente naquela farra, naquele jogo de luz, dentro daquela discoteca, a dançar.

Algumas mulheres e rapazes fumando e bebendo bebidas fortes.

Dançando, àquele enorme barulho que lá tinha, a Prima se aproximou de nós e nos perguntou:

— Oh suas bobas, ainda continuam tímidas?

— Como assim!? — Perguntei sorrindo para ela.

— Tomam um pouco de álcool!

— Estamos melhores assim. — Disse eu para ela.

Ficamos mais uma hora, estava muito divertido. Decidimos ir embora.

A Dú levou a Prima num lugar mais calmo, conversou com ela, depois de tudo, o Big levou-nos para a casa, tudo tranquilo.

No dia seguinte nos encontramos na casa da Dulce. No quarto dela.

— Não esquecerei jamais da noite de ontem. — Disse a Dulce.

— Nem eu!

Senti pena dele quando a energia se foi.— Disse eu.

— Que pena! Como eles deixaram a energia ir?! — Disse a Lorena rindo em frente do espelho.

— E achas que eles podiam segurar a energia, sua boba?! — Disse eu. Rimos as três. O clima era bastante humorado, aí no quarto da Dulce.

— Eu tinha desconfiança da tua prima. Mas acho que já não tenho mais. — Disse eu.

— Ela é boa, só que as pessoas a criticam por gostar muito de noites. — Disse a Dulce.

— Estava muito divertido. Que tal pedirmos à prima que nos leve lá hoje? — Sugeriu a Lorena.

Eu e a Dulce nos entreolhamos.

— Nada mal! — Disse a Dulce. — Vou enviar uma mensagem agora mesmo para ela. — Enviou. Não se fez dois minutos, a prima ligou concordando que nos encontraríamos no mesmo local e na mesma hora de ontem.

— Mas será que a noite de hoje será especial como a de ontem? — Questionei.

— Talvez! — Disse a Dulce.

Quando chegou a hora fomos para lá. Não demorou, apareceu um carro que parou à nossa frente, estranhámos porque estávamos a espera do Big e a Prima naquele carrão, o Hummer.

— Entrem aí, moças! — Era a Prima.

— Uau, que carro! — Admirou a Lorena.

Não imaginávamos que seria a Prima. Entramos no carro e partimos. Ela estava sozinha.

— De quem é? — Perguntei.

— O quê? O carro? — Questionou a Prima.

— Sim!

— Eu não mereço? — Perguntou sorrindo. — Também querem ter um? — Nos entreolhamos, pasmas.

Na idade que tínhamos, quem não queria ter um carro para estar aí a se exibir?

Quando voltamos a falar, fugimos para um outro assunto.

Chegamos à discoteca. Estava tudo mudado. A imagem já não era aquela que tínhamos vistos no Show. Tinha mulheres a dançarem de cuecas, os homens a se divertirem jogando dinheiro para elas.

A Prima ofereceu-nos Sumol. A música era divertida. Toda gente aí se soltava, não tínhamos como não nos soltar. Na medida em que a gente dançava e se divertíamos, um jovem chegou e começou a beijar a Dulce. Ela tentou reagir mas se perdeu nos braços dele. Não tinha como hesitar. Ele a beijava apalpando as suas nádegas.

Estava cheio aí. Quando desviei os meus olhos eles já não estavam aí. A música era excitante, as mulheres semi-nuas dançando aí também faziam com que o clima ficasse mais caloroso.

Um jovem tentou-me, mas não dei tempo.

Depois de duas horas a Dulce apareceu meio exausta e com uma pasta que eu não tinha visto quando chegamos na discoteca. Puxei a Lorena e fui até a Dulce. Ela preferiu ir sentar querendo se disfarçar de algo.

— Onde é que você estava, miúda?! — Perguntei-a.

— Posso vos contar em casa?

— Ok. Então vamos.

Pedimos que a Prima nos levasse, sem voltas fomos. Aminha mãe, havia mim avisado que não dormiria em casa, por isso só estavam os meus irmãos pequenos. Para os pais da Dulce e da Lorena não questionarem pelas horas que a gente chegara, preferimos ir passar a noite em minha casa, já que haviam despedido que estavam em minha casa.

A Prima nos deixou e voltou para a discoteca.

Entramos e fomos direito pro meu quarto.

Chegando lá, a Dulce atirou-se na minha cama e gritou com um total entusiasmo:

— Eu fiz sexo!

— O quê!? — Interroguei juntamente com a Lorena ao mesmo tempo.

— Vocês não sabem como foi ótimo.

Olhem essa pasta aí! — Logo que abrimos a pasta levamos um susto enorme.

— Você roubou todo esse dinheiro?! — Assustada, perguntou a Lorena.

— Que roubei, que nada!

Eles me ofereceram.

— Eles!? — Questionei. — Você apenas desapareceu com um...

— É, mas quando terminei com aquele sem pedir-lhe nada, ofereceu-me dinheiro, apareceu mais um com a proposta de que me daria a multiplicar o do primeiro.

— Ah, não! Tu fizeste por dinheiro? — Perguntou a Lorena.

— É óbvio que não!

Mas ele deu-me, e não podia rejeitar. — Me recordei do que a Prima questionou-nos enquanto nos levava para a discoteca. Fiquei minutos sem falar nada.

Naquela noite a Dulce havia mim convencido e justificava o por quê. Em um mês a gente teria outra vida, a vida que os nossos namorados jamais nos dariam. Questionei-a se era para terminar com os nossos namorados, ela disse que não era necessário, porque eles jamais iriam perceber.

A Lorena não estava muito de acordo.

No dia seguinte fomos para lá. Fizemos sexo em troca de dinheiro. No terceiro dia a Lorena não ia. Disse que não aguentava. Ela havia

decidido parar, não queria levar aquela vida. Não fomos contra ela, respeitamos a sua decisão, mas nós não paramos. Aquilo já estava se criando um vício. Disfarçávamos em frente dos nossos namorados demonstrando amor.

Durante uma semana já estávamos diferentes. Vestíamos como se tivéssemos patrocínio.

Depois de algumas semanas já viciadas, eles obrigavam a gente a fazer sem preservativo.

Como já era um vício, não hesitamos.

As pessoas no bairro só falavam por trás, a Lorena deixou de se comunicar connosco.

A gente adorava isso. Era um vício, e como qualquer um outro vício, era difícil abandoná-lo, aliás, nós não estávamos dispostas a deixá-lo.

Enquanto eu estava no meu quarto, na cama com a porta fechada, a minha mãe batia a porta e me dava a impressão de que estava a chorar.

— Já vou! — Guardei o dinheiro que estava a preparar para levar ao banco económico. Abri a porta e não tinha dúvida, ela estava mesmo a chorar. Entrou e fechei novamente a porta. Sentamos juntas na cama.

— Minha filha, minha Rosa...

— Por quê está chorando, mãe?

— Por quê está fazendo isso comigo? Será prazer a mais, será a falta de condições, ou o que é que faz com que te prostituas?

— Como assim, mãe!? — Com um semblante inocentado levantei-me da cama e fui disfarçar-me olhando-se para o espelho.

— Rosa! — Levantou-se e foi até em mim. — Olha para mim, olha bem no fundo dos meus olhos e diz que você é a mesma! — Olhei

nos olhos dela durante dois minutos e não reagi, comecei também a lacrimejar.

— Mãe, eu peço desculpas por não ser a menina que tu esperavas.

Eu gosto do que faço e vou continuar.— Saiu do quarto sem dizer mais nada. Continuei arrumando o dinheiro.

Alguns falavam por trás, mas nem todos no bairro, ou na nossa rua sabiam que a gente fazia vida. E nem que soubessem, a gente não estava arrependida.

Não conseguíamos ficar um dia sequer, sem fazer penetração. Estávamos totalmente viciadas. Deixamos o sumo com gás para atrás, entramos na onda da Prima, e começamos a beber álcool forte para nos deixar mais tensa e mais corajosa.

Os dias passavam, a Dulce ligou-me dizendo que estava se sentindo mal e que em casa não tinha ninguém. Fui até lá e acompanhei-a no hospital. Estava fraca demais. Receitaram alguns comprimidos para ela se recuperar porque estava débil, mas as análises só iriam sair no dia seguinte.

Cumpriu a receita assim que chegamos e já estava a sentir-se melhor.

— Hoje vamos?

— Não sei. Mas acho que não, te recuperaste agora. Acho que a gente devia dar uma pausa. — Disse eu, em resposta.

— É, tem razão. Acho que devemos ter controlo do nosso vício. — No dia seguinte fomos à busca das análises. Deram-nos. Mas antes fizemos uma enorme confusão. Os médicos exigiam que tinha que ser um dos parentes mais velho que tinha que ir buscar o resultado da análise. Não concordamos. Fizemos escândalos e foi assim que nos deram. Só não entendia o porquê que tinha que ser um parente adulto.

Chegamos em casa dela e abri o resultado. Fiquei boquiaberta. Débil como no dia em que a prima nos questionou sobre o carro e quando

a Dulce havia recebido dinheiro de dois homens lá na discoteca por fazer sexo com eles. Aí entendi o por quê que os médicos queriam que fosse alguém adulto.

— O que foi, Rosa? — Não quis esconder nada, por isso fui direita com ela.

— Estás com vírus do Sida! — Ficou sem forças, nem eu mesmo tinha forças. A Dulce acabou por desmaiar, saí correndo a busca de ajuda.

Apareceu alguém e fomos para um outro hospital. Enquanto a Dulce estava sendo examinada, pensei em fazer também um teste. Fiz o teste e mandaram voltar no dia seguinte. Voltamos para casa. A Dulce não estava a acreditar. Eu também pensava em mim, caso eu estaria com uma DTS...

No dia esperado fui para lá. Recebi sem escândalo nenhum. Me pareceu estar tudo bem. Contudo não abri aí. Fui para casa direito pro meu quarto, tão nervosa. Respirei fundo, continuei respirando enquanto abria de olhos fechados. Quando abri os olhos já com o papel na mão, foi um choque eléctrico.

Como foi duro acreditar.

Alguém estava a bater a porta, eu não respondia. Não notei, mas quando havia chegado deixei a porta encostada.

— Oi filha! — Era a minha mãe. Ficou olhando da porta em quanto eu estava aí no chão com a cabeça e os braços me apoiando na cama. Lá estava o teste bem à vista dela. Entrou e tirou ele da cama.

Leu e disse chorando:

— Eu sinto muito, Rosa! — Deixou o teste e saiu chorando forte enquanto eu não tinha lágrimas para chorar. Não tinha forças.

Não comi, não saí do quarto. No dia seguinte a minha mãe, totalmente amargurada deu-me a notícia de que a Dulce havia cometido suicídio. Estava morta.

No bairro já ninguém falava por trás, todo mundo sabia o que estava acontecer. Não foi preciso que o meu namorado, viesse dizer-me que terminamos depois das mentiras que eu escondia e o que veio à tona. É óbvio que ninguém vai querer uma garota doente por ser meretriz.

Me sinto uma jovem adolescente acabada, esperando apenas a morte. Era suposto eu ir à sua busca como a Dulce fez, mas estou a espera dela.

Estupradores incitados

Não é justo conforme sou tratada e/ou julgada por todos os moradores (mais velhos) deste bairro, incluindo fortemente as críticas que se revelam dos meus familiares. Não é justo.

Há 3 meses, por ser jovem trabalhadora, eu gostava de vestir e me sentir à vontade por qualquer lugar onde eu ia.

O que viam das pessoas mais velhas por não entenderem a moda jovem, eram apenas críticas que relacionavam que, eu um dia posso ser estuprada pelas roupas curtas que excitam qualquer um que olhasse para mim.

Parava para ouvi-los mesmo entrando de um lado e saindo do outro.

— Como as pessoas são tão velhas que nem dão valor no que é renovado! — Dizia sempre depois de ouvir tais conselhos caquéticos.

Num fim-de-semana, Domingo, um dos dias em que as ruas tornam-se num deserto, liguei para a Ana, minha amiga, para puder confirmar o tipo de festa que a gente iria pelas catorze horas. Já haviam se passado três semanas que ela tinha mim falado a respeito da festa. É óbvio, pelos trabalhos, atrapalhões e outras coisas, eu possa mim esquecer desta festa. Como esqueci mesmo dela. Apenas me lembrei no seu dia, por isso liguei para a Ana.

— Oi Ana!

— Oi Neide! Tudo bem, miúda? Nunca mais ligaste para mim!

— Ai, e tu, não ligas?! E se eu devia morrer?

— Apenas diria a Deus que cuidasse de ti! — Disse a Ana.

— Sua desajeitada! — Rimos. — Quando e onde será a festa?

— Qual festa? Hã, me recordei. Oh miúda, aquela festa já passou há muito tempo.

— Sério?! — Perguntei admirada porque estava em frente do guarda-fatos procurando o que podia vestir para aquela festa.

— Mentira sua boba! — Disse rindo de mim.

— Babaca!

— Tola! Olha será às catorze horas, lá no salão tardes quentes.— Deu-me todos os detalhes e do tipo de roupa que faria o tipo da festa.

— Só não exagere, Neide!

— Ok. — Concordei e desliguei o telemóvel.

Pus vários calções apertadinhos que chegavam até ao joelho pensando no que a Ana disse: Não exagere! Mas não estava mim sentindo satisfeita. Pus um vestidinho que me deixava mais sexy e

com inveja de muitas. Este vestido estava caro demais, por isso eram poucas que tinham. O número era contável.

Saí de casa. Neste dia estava muito isolado, às ruas. Cheguei até a paragem esperando o táxi. Estava demorando demais.

Chegaram dois jovens estranhos na paragem, bem perto de mim. Com pouca desconfiança, mas não liguei para eles.

— O táxi, está numa grande demora. Acho que hoje terás poucos clientes. A propósito. Quanto custa o pacote? — Disse um deles olhando para o meu traseiro. Não estava a entender a sua linguagem.

Dei um sorriso leve e disse: — Não entendi!

— Tu não faz vida? — Perguntou o outro.

— Não! Por quê? — Sem responder, chegaram ainda mais perto de mim, me arrastaram pro outro lado para que os que passassem não notarem a violação. Eu gritava, pedia socorro mas ninguém vinha. Os dois me fizeram de churrasco e se foram em quanto eu estendida no chão, chorava.

Liguei para a Ana, foi a minha busca de carro com o seu namorado. Fomos direito a um hospital, depois me deixaram em casa.

Avisei aos meus familiares o que havia ocorrido, deram-me apoio mas não mediram as suas críticas.

Depois de algumas semanas todo mundo no bairro já tivera-se apercebido. Julgavam-me pelo facto de eu estar sempre a vestir roupas de moda (curtas).

Não acreditei que a vestimenta influencia tanto assim no crime de abuso sexual. Ignorava quando me chamavam atenção. Estava nem aí com os conselhos das pessoas. Mas por me acontecer, aprendi a fazer escolhas certas mesmo quando o vestuário é da moda. Afinal, na moda, também podemos encontrar ótimas roupas que não fazem com que outras pessoas pensem naquilo que não somos.

Mandei um homem pro inferno

Há muito tempo que eu já não aguentava a alta ignorância, arrogância e desprezo daquele homem. Vivo numa das províncias cá na minha terra natal. Uma pequena linda província que na qual existe um monte de leis que não fazem sentido à burra ignorância daquele homem. Eu o odiava, e o odeio ainda mais.

Num certo dia caminhava rumo a um bar para esquecer da briga que tivera com a minha maldita esposa. Odeio ela. Pensa que é, sei lá quem. Para ela estou sempre errado. Que chatice!

Entrei num bar, perto mesmo de casa. Mesmo sendo perto de casa não deixei de jeito nenhum o meu carro. Estacionei-o no pequeno parque de estacionamento do bar.

Já dentro do bar, como tenho sempre essa de ir lá. Cultivei bons amigos, só que nenhum deles estava lá.

— Barman, por favor, uma “ngala” aqui. Aquela de sempre — disse.

— É para já, meu senhor! — Respondeu o barman.

Dei uns goles de leve, porque bebia paulatinamente.

Do nada apareceu umas imagens na minha memória de quando cheguei no bar. Saí fora para ter a prova de que era mesmo aquilo que me vinha na mente. Observei muito bem e não tinha dúvida nenhuma. — É barra!— Disse, lisonjeado já com um pequeno enjoo, talvez porque não tivera exagerado... Voltei ao bar e antes de me sentar fui ao banheiro. Logo ao voltar, bem antes de dar uma olhada onde estavam os consumidores, já ouvia uma voz gritando de raiva por todo bar, parece que a senhora chegava naquele momento.

— Oh barman, serve para mim um copo, hoje eu vou beber! Homem é uma merda de todas as merdas que existe no planeta. — Disse a senhora. Voltando para o meu lugar, concentrava a senhora que parecia frustrada. Em quanto ela bebia e a minha mesa estava a sua atrás ela com o rosto em frente, eu não conseguia enxergar nem um bocadinho o seu semblante.

Concentrando ela, vinha sem olhar para a minha mesa, sem dar conta tropecei na cadeira, mas não fui pro chão. Aquele barulho perturbou todos, e conseqüentemente, ela olhou para trás.

— Victoria!— Disse assustado, raivoso num alto som. Por isso é que os meus olhos não saíam dela. A minha mente sabia que era um familiar. Era a minha mulher.

— Tony! — Levantou-se e se meteu a correr. Fui atrás dela. Quase tentando sair do bar puxei-a.

— Como foi possível deixares as crianças e vires para cá se embebedar?! — Disse eu.

— E você!?! Você não deixou os miúdos em casa?! Eu e os miúdos, para viver beber?!

— Tu, tu... — Dei-lhe uma bofetada. Ela não hesitou. Se revoltou tentando voltar para mim. Não funcionou e começou um grande escândalo no bar. Eu e a minha mulher lutando no bar.

— Não façam isso. Ajudem, Ajudem! — Gritava o barman.

— Deixam eles. Casal sem vergonha. — Disse um outro homem cujo seu rosto não via. Sem mais demora os consumidores que lá estavam, partiram para o meio e infelizmente conseguiram parar a briga.

Não gostei nem um bocadinho, queria que ela apanhasse ainda mais...

— Parou por quê, casal sem vergonha!? — O mesmo sujeito repetiu. Dessa vez consegui captar o seu rosto... Era o cabrão daquele homem, arrogante, ignorante. A Victoria saiu daí, correndo.

— Oh, homem, seu mal-educado, arrogante filho da mãe. — Cheguei mais perto dele e apontando o dedo indicador dizendo: — Você me paga, você me paga, seu filho da besta!

— Você vai continuar a me odiar, marido sem vergonha mas nunca me verás a bater nem minha mulher nem outra mulher na rua. — Disse o homem. Parti logo para cima dele. Mais uma briga no bar, e essa parecia mais séria ainda.

O homem correu para outra mesa pegou no copo de um casal e lançou logo para mim, atingindo à minha testa e... Fiquei a verter muito sangue. O homem correu para fora em direcção ao seu carro. Abriu rapidamente a porta e entrou.

Antes que ele ligasse o seu carro, tirei rápido o meu telemóvel e fiz uma ligeira ligação.

— Tudo feito?

— Feito, meu senhor! — Concordou o meu cúmplice. O homem ligou o carro e só havia fogo no parque do bar. Mais dois carros foram atingidos. Peguei o meu carro e saí logo daí rumo a um hospital.

Satisfeito por tirar um cão ignorante deste mundo e o mandar para o inferno.

Entre em contacto com o autor e diga o que você achou do livro!

Facebook: San Pedrimbi
Exotikonscontact@gmail.com
www.elmasterpedro.blogspot.com

+244937772591

Sobre o Autor

San Pedrimbi, pseudónimo de Pedro Quissua Imbi. Jovem talentoso, nascido aos 05 de Outubro de 1996 em Luanda-Angola, aonde actualmente reside.

Jovem possuidor de uma capacidade inspiradora e fértil que faz viajar qualquer um no mundo das letras, podendo assim tocar na alma de quem lê os seus escritos.

